Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Log'ali: um estudo da variante linguística em Santo Antônio de Jesus - BA

Karolaine Figuerêdo de Souza (UFRB)
https://orcid.org/0009-0009-4974-2789
karolfigueredo@aluno.ufrb.edu.br

Ednei Nunes de Oliveira (UFRB)
https://orcid.org/0000-0001-8464-4687
edneioliveira@ufrb.edu.br

Resumo: Um dos estudos linguísticos mais realizados nas quatro últimas décadas tem sido realizado com base na Sociolinguística, mais especificamente a variação linguística. Neste texto, observamos e analisamos como falantes utilizam a expressão "logo ali", em respostas dadas a questionamentos sobre localização de lugares próximos aos falantes. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, uma vez que buscamos verificar se existe padrão de realização de fusão das duas vogais finais e iniciais das duas palavras que compõem a expressão. Resultados indicam que essa economia linguística não ocorreu com entrevistados, embora tenha sido observada em falantes de outras regiões da Bahia.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Fala.

Abstract: One of the most carried out linguistic studies in the last four decades has been carried out based on Sociolinguistics, more specifically linguistic variation. In this text, we observe and analyze how speakers use the expression "right there" in responses to questions about the location of places close to the speakers. This is a quantitative research, as we seek to verify whether there is a pattern of fusion of the two final and initial vowels of the two words that make up the expression. Results indicate that this linguistic economy did not occur with interviewees, although it was observed in speakers from other regions of Bahia.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Variation. Speaks.

1 INTRODUÇÃO

A sociolinguística é entendida como a área da linguística que busca compreender a relação existente entre língua e sociedade, investigando de que modo fatores sociais, como

por exemplo, classe social, gênero, idade, etnia, nível de escolaridade e região geográfica de um falante, ou grupo de falantes, influenciam a maneira como usam a língua. Nesses casos, a língua é vista em seu contexto real, sendo compreendida enquanto estrutura viva e de caráter heterogêneo. Como tal, a língua sofre variação linguística que é entendida como um fenômeno natural à língua, configurando-se nas diferentes formas de uso.

O fato de estar suscetível a variações torna o falante, por diversas vezes, alvo de preconceito linguístico, uma vez que em nossa sociedade existe uma gramática tradicional que não considera práticas de ensino propensas a mudanças de região para região, ainda que o ensino seja realizado com base em mesmos livros didáticos adotados nacionalmente. Com isso, o preconceito linguístico começa a surgir em ocasiões em que uma palavra é pronunciada de modo diferente a sua escrita, como por exemplo, no caso do fenômeno em questão da atual pesquisa, onde buscamos refletir sobre a variação da expressão “logo ali”, em Santo Antônio de Jesus, cidade do interior da Bahia que possui cerca de 103 mil habitantes. O estudo surgiu ao analisarmos que se trata de uma expressão amplamente utilizada na Língua Portuguesa e que, assim como tantos outros termos, pode sofrer variação, dependendo dos usuários e do contexto em que é empregada.

Este estudo é caracterizado, quanto à abordagem, como pesquisa quali-quantitativa, uma vez que além de trazer dados quantitativos, que foram tabulados, fizemos também a análise destes. Quanto aos objetivos, o trabalho é classificado como descritivo, pois algumas afirmações são feitas considerando-se alguns teóricos que tratam de temas deste trabalho. Durante a pesquisa pedimos informações básicas a cerca de 25 falantes de Santo Antônio de Jesus-BA. Com o questionamento, objetivamos que os falantes fizessem uso da expressão “logo ali” a fim de verificássemos a ocorrência da variante.

Trazemos como pressuposto teórico autores como Bagno (2013), Labov (1960), Garcia e Nascimento (1970), Coelho et al (2015) e outros que se dedicam ao estudo da língua a partir de um viés que a enxerga como viva e suscetível a mudanças.

2 LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA

A linguística é compreendida como uma ciência autônoma a partir dos estudos de Ferdinand Saussure e tem como um dos princípios de estudo a língua. A partir dos estudos do mestre genebrino, diversos estudiosos passaram a debruçar-se sobre vários fenômenos que envolvem a língua, a linguagem e a fala. Nesta seção, faremos uma breve reflexão sobre os três elementos para auxiliar na compreensão do estudo.

2.1. LÍNGUA

É pertinente ressaltar, inicialmente, que existem diferenças conceituais entre os termos língua, linguagem e fala. A língua, por sua vez, é considerada por Ferdinand Saussure um sistema de signos, conforme vemos aqui que a ela “[...] é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (Saussure, 1969:17). Peterns (2003), sobre essa fala do mestre, afirma que a língua é:

> [...] “um sistema de signos” — um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. É “a parte social da linguagem”, exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo falante e obedece às

> leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade. (Petter, 2003, p.174).

Entende-se, portanto, que a língua não pode ser vista enquanto uma criação individual, mas um fenômeno social, que surge e se desenvolve dentro de uma comunidade, são convenções adotadas pela sociedade para que uma comunicação seja estabelecida.

De acordo com o linguista Marcos Bagno (2013), a língua não pode ser vista como um sistema único e fechado, mas sim como extensa e composta por inúmeras variedades linguísticas e que essas variedades podem ser influenciadas por diversos fatores, como por exemplo, os níveis socioculturais dos falantes.

Ao pensar a língua enquanto heterogênea é pertinente compreender o processo de heterogeneidade como algo natural e enriquecedor, e que sofre influência do meio ao qual o falante está inserido, sendo importante reconhecer que a língua sofre variações regionais.

A língua pode ser entendida como um sistema de signos usados na comunicação de determinada comunidade, para estabelecer uma comunicação eficaz. É válido ressaltar que, existe uma enorme quantidade de línguas e cada uma delas possui regras gramaticais fonéticas, lexicais, morfológicas e sintáticas diferentes, que permitem o entendimento e compreensão entre os indivíduos que compõem aquela comunidade. Só estabelecemos, entretanto, comunicações porque conhecemos as regras gramaticais da língua a qual fazemos uso. É importante pensar, no entanto, a língua como algo que vai além de um meio de comunicação, pensando-a enquanto um meio de fortalecimento de identidades tanto sociais quanto culturais, que transmite tradições e valores de um povo de uma geração a outra.

Outro ponto importante a destacar é que a língua é social e não é fixa, ao contrário, está em constante evolução, mas as mudanças ocorrem de forma lenta, sendo imperceptível pelos falantes. O processo de mudança coloca algumas expressões em desuso à medida que novas expressões surgem. Trata-se de um processo que sofre influência de diversos fatores que vão desde mudanças em níveis sociais ao contato entre diferentes línguas.

De acordo com Saussure, a língua é um sistema homogêneo, composto por signos: “A língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.” (Saussure, 2004, p.23). Os signos aos quais o linguista se refere são de natureza psíquica, ou seja, existem na mente humana e são resultado da união do significado (sentido) e dos significantes (imagem acústica). Por ser de ordem psíquica, os sons estão associados a significados de maneira uniforme e consistente e frutos de convenções sociais.

É possível definirmos, portanto, que a língua é um elemento fundamental para a existência humana, uma vez que, sem a língua, a transmissão de conhecimento seria limitada, sendo a língua então, a principal fonte de acesso ao conhecimento e um instrumento de poder e parte social da linguagem.

2.2. LINGUAGEM

A linguagem pode ser entendida como uma característica inata a todo ser humano, sendo uma forma de expressão porque é através dela que pensamentos e emoções são externalizados. Nesse sentido, considera-se linguagem não somente a comunicação verbal,

mas todas as formas de expressão que possibilitam a comunicação, como, por exemplo, a dança, a pintura, sinais de trânsito e outras manifestações humanas com finalidades comunicativas.

De acordo com Saussure (1971), "A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro." (SAUSSURE, 1971, p.16).”. Assim, existe uma dualidade na essência da linguagem e não podemos compreendê-la se analisarmos os dois lados de forma isolada, uma vez que são aspectos que se complementam.

O lado individual da linguagem diz respeito à forma com que cada indivíduo faz uso e compreende a linguagem, uma vez que, somos seres singulares e consequentemente temos uma maneira única de interpretar a linguagem, seja através da escrita, fala, ou outra forma de expressão. Essas interpretações são influenciadas pelo contexto social, cultural e vivências particulares de cada sujeito.

O lado social da linguagem, pelo contrário, diz respeito ao uso da linguagem enquanto uma manifestação coletiva, dado que ela só existe e funciona dentro de um contexto social que tem influência direta na individualidade de cada sujeito. Isso é feito por meio das regras e convenções utilizadas pelos indivíduos, permitindo que uma comunicação seja estabelecida, influenciando na forma como os sujeitos fazem uso da linguagem, sendo, esta, uma interação ininterrupta entre sujeito e sociedade.

Por fim, para compreendermos plenamente a linguagem, é preciso que haja o reconhecimento dessa interação ininterrupta sujeito x sociedade, que permite que a linguagem seja uma fonte de informação que reflete a complexidade da comunicação entre as infinitas culturas existentes na nossa sociedade.

2.3. FALA

Ao contrário do que muitos pensam, existe diferença entre os termos língua e fala, entretanto, são indissociáveis, visto que não existe língua sem que haja a fala. “A fala é um ato individual: resulta das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o código da língua; expressa-se pelos mecanismos psicofísicos (atos de fonação) necessários à produção dessas combinações” (Petter, 203, p.174). Como vimos, a língua é um sistema coletivo e social, a fala é entendida como um ato individual, uma manifestação pessoal da língua.

A fala é uma das manifestações da linguagem, é essencial para a comunicação humana porque é por meio dela que ideias são externalizadas e comunicações são estabelecidas. Enquanto a língua é entendida como parte social da linguagem, a fala é entendida como parte individual da linguagem, em que cada falante ou grupo de falantes a utiliza de maneira individual para se expressar, com influência do contexto social ao qual estão inseridos, ou vivências pessoais experimentadas no decorrer da vida.

A fala surge a partir das combinações realizadas pelo falante, utilizando elementos básicos da língua, tais como fonemas, morfemas, sintagmas, para formular sentenças que possuam sentido e estabeleçam comunicação, refletindo a identidade e os processos cognitivos de cada sujeito. Saussure caracterizou a fala enquanto "um ato individual de vontade" (SAUSSURE, 1971, p.17), destacando que possui natureza pessoal e é intencional, uma vez que envolve escolhas conscientes dos falantes. Ou seja, quando falamos, somos capazes de escolher como falamos e, dependendo do contexto, escolhemos se podemos utilizar a fala de um modo informal ou não.

Assim, a fala é uma manifestação individual da linguagem e é essencial para a comunicação, pois permite que ideias sejam expressas, refletindo a identidade de cada

falante. Por ser uma ferramenta que permite que a individualidade de cada sujeito seja expressa, a fala é indispensável para a comunicação humana.

3 ENTENDENDO MELHOR SOCIOLINGUÍSTICA, VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A sociolinguística surge como uma ciência que busca entender a relação entre língua e sociedade, vendo a língua como objeto dotado de heterogeneidade estruturada e, portanto, com regras linguísticas que devem ser seguidas.

A sociolinguística, mais especialmente sobre os estudos de Labov, trouxe luz à importância de considerarmos os fatores sociais nos estudos das mudanças linguísticas, uma vez que "o prestígio ou o estigma que uma comunidade associa a uma determinada variante linguística pode acelerar ou barrar mudanças na língua" (Coelho et al, 2015, p. 66). Durante décadas, as mudanças eram vistas como um processo imperceptível e sem importância para ser estudado fora do sistema linguístico propriamente dito, focando muito mais nas estruturas inertes da língua e não considerando os fatores sociais que influenciavam nas mudanças.

Dentro dos diversos campos desse estudo da língua, está a sociolinguística variacionista, uma abordagem desenvolvida por Labov, por volta dos anos de 1960, que busca compreender as relações existentes entre a variação linguística de determinado grupo e a relação com a estrutura social dos falantes desse mesmo grupo. (Coelho et al, 2015)

Nesse contexto, a sociolinguística variacionista estuda as variações dentro de comunidades de fala, ou um grupo de falantes que, além de falar a mesma língua, compartilha as mesmas normas de uso dessa língua, possuindo um repertório linguístico comum, no que diz respeito à variação. Aqui, analisam-se, então, fatores como classe social, gênero, idade e etc. influenciam esses falantes.

> O termo variação se aplica a uma característica das línguas humanas que faz parte de sua própria natureza: a heterogeneidade. A palavra língua nos dá uma ilusão de uniformidade, de homogeneidade, que não corresponde aos fatos. [...] Cada um desses modos de falar recebe o nome de variedade linguística. Por isso, muitos autores definem língua como "um conjunto de variedades" e substituem a noção da língua como um sistema pela noção da língua como um polissistema, formado por essas múltiplas variedades. (BAGNO, 2013, p. 01).

Para esclarecer como a questão das variações, Coelho et al (2015), cita que Labov formulou três categorias de significado social das formas de variação. A primeira foi a dos estereótipos, que diz respeito a traços que são marcados de forma consciente, podendo alguns estereótipos ser estigmatizados socialmente, enquanto outros, dependendo do grupo, possuir prestígio.

De acordo com Coelho et al (2015), segunda categoria definida por Labov foi a dos marcadores que, de acordo com o estudioso, são traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, como por exemplo, o uso dos pronomes "tu" e "você" que, de modo geral, não é estigmatizado, mas possui relação com as variáveis estilísticas, tais como faixa etária e intimidade dos falantes.

Por fim, a última categoria apresentada por Labov foi a dos indicadores, definida como a categoria dos elementos linguísticos que possuem pouca forma de avaliação, podendo haver diferenciação no uso dependendo da idade, região ou até mesmo grupo social. São palavras que sofrem julgamentos sociais de modo inconsciente, como por exemplo, “peixe-pexe”, “feijão-fejão” etc., que sofrem monotongação dos ditongos /ow/ e /ey/ durante a fala. Nesse sentido, a variação é vista quando existem duas formas sendo usadas para um mesmo significado, ocorre em todos os níveis da gramática e é inerente à língua não comprometendo o seu bom funcionamento.

Por outro lado, seguindo o pensamento de Coelho et al (2015), a variação pode ocorrer em níveis da estrutura da língua, podendo ser lexical, fonológica, morfológica ou sintática. De acordo com os estudiosos primeira delas é a variação que diz respeito às diversas palavras ou vocabulários que são usados em uma língua, quase sempre associada à variação regional. Elas também sofrem variação conforme a formalidade, como por exemplo, nas palavras abóbora/jerimum, pão de sal/pão francês/cacetinho, laranja-cravo/bergamota/tangerina e etc. Quanto à variação de nível fonológico Coelho et al (2015), diz que ela ocorre no contexto do fonema, enquanto na variação morfofonológica a modificação ocorre no morfema da palavra. Nos casos em que o “r” marca o infinitivo do verbo, tem-se, por exemplo, um morfema verbal.

Ainda de acordo com Coelho et al (2015), no que diz respeito à variação sintática, existem alguns fenômenos como o da oração relativa, onde ocorre uma variação em que, na maioria dos casos, é condicionada por fatores extralinguísticos. Fenômenos que variam na dimensão discursiva/textual são nomeados de variação discursiva ou, como são chamados nas gramáticas, vícios de linguagem. Temos, como exemplo disso, o uso de conjunção coordenativa, advérbio de tempo e/ou de lugar, sendo necessário observar o contexto real em que se é utilizado. Eles são marcadores discursivos atuantes na coesão de um texto, auxiliando também na organização da fala e interação falante/ouvinte.

Historicamente criou-se uma visão de que existe uma variedade padrão e de valor, enquanto outra é estigmatizada e considerada errada de acordo com as gramáticas e a partir do valor ou não valor atribuído a essas variedades surge o preconceito linguístico, o qual muitas vezes é reforçado dentro das próprias instituições de ensino.

> [...] Os já citados parâmetros curriculares nacionais reconhecem que existe muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado as variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa. (Bagno,2008, p.94)

De acordo com o autor, fica evidente que o preconceito linguístico é, de fato, consequência do grande valor atribuído as variedades padrão da língua e a não aceitação das variedades não padrão, consideradas erradas e consequentemente inferiores.

Ainda de acordo com Bagno (2008), em seu livro intitulado “Preconceito Linguístico”, o autor entre tantos aspectos importantes, pontua que parte dos brasileiros acreditam que não sabem bem o português. “(...) muitos brasileiros acreditam que “não sabem bem o português”, que “português é muito difícil” ou que a língua falada aqui é “toda errada” (Bagno, 2008, p.97), essa visão de grande parte dos brasileiros retrata o impacto do preconceito linguístico no nosso país, uma vez que é um país formado do contato entre línguas e por isso presenteado com tantas variações.

Apesar da nossa sociedade estar avançando em muitos aspectos, ainda que de forma lenta, nos mostra que alguns tipos de preconceito têm sido combatido com êxito, entretanto, o preconceito linguístico vem seguindo geração a geração, em uma espécie de "ciclo vicioso", como pontua Bagno (2008), essa reprodução continua do preconceito linguístico impacta de forma negativa na nossa sociedade.

Estudar a variação linguística, analisando esses diversos fatores, contribui com a compreensão de como e porque o preconceito linguístico é formado, uma vez que busca revelar como as variações que a língua sofre são sistemáticas e estruturadas e não devem ser vistas como erro do falante. Ao pensar nessa perspectiva ocorreria uma quebra do estereótipo criado em relação à variação linguística e, consequentemente, menos preconceito linguístico, uma vez que, esse tipo de preconceito surge porque existem algumas variações que são mais estigmatizadas que outras.

4 LOG'ALI: UMA REFLEXÃO SOBRE A VARIANTE LINGUÍSTICA

A variação linguística é um fenômeno natural que surge à medida que a linguagem se diversifica no uso cotidiano, podendo manifestar-se no vocabulário, na pronúncia, na morfologia ou na sintaxe. Essa diversificação ocorre em função de uma combinação de fatores, incluindo aspectos socioculturais e sociocognitivos. Neste trabalho, nosso foco não é examinar várias ocorrências de variação linguística, mas sim explorar especificamente a variação na expressão "logo ali". Nesta seção, vamos analisar e refletir sobre os dados coletados durante a pesquisa.

4.1 LOGO ALI: OCORRÊNCIAS COMUNS

Em algumas partes do Brasil, mais especificamente na região nordeste é comum observar falantes nativos (quando inseridos em contextos informais), pronunciarem a expressão "logo ali", fazendo uma aglutinação entre os dois advérbios (logo: de tempo; ali: de lugar), ou seja, unem as duas palavras e dão origem a um novo termo: "log'ali".

Em situações como essa, é possível afirmar que ocorre o metaplasmo, por meio de uma crase de duas vogais diferentes, ou seja, duas vogais se unem e dão origem a um novo termo, como citam Garcia e Nascimento: "Crase - é a fusão de duas vogais iguais em uma só [...] Quando a crase se dá pela junção da vogal final de uma palavra com a vogal inicial de outra, na formação de expressões compostas, recebe o nome especial de sinalefa." (GARCIA e NASCIMENTO,1970, p. 39)

Em outras palavras, ocorre a crase, quando duas vogais iguais se fundem e formam uma única vogal e o fenômeno da sinalefa, que é um fenômeno específico que ocorre quando a vogal final de uma palavra se junta com a vogal inicial da palavra seguinte na formação de expressões compostas, formando uma única sílaba.

Com base na definição dada por Garcia e Nacimento (1970), é possível defender que a expressão "log'ali" surge a partir de uma sinalefa, onde a vogal final '-o' do primeiro termo é suprimida para dar espaço para vogal '-a', inicial do segundo termo.

Além disso, é possível observar que a ocorrência dessa variação tem relação com verbos que a antecedem, especialmente os verbos "ser" e "estar", uma vez que os falantes usam em sentenças como: "tá log'ali" e "é log'ali", conforme mostram os dados na pesquisa que precede o tópico seguinte.

Como dito anteriormente, as variações linguísticas não devem ser compreendidas como um erro por parte de um falante ou grupo de falantes, de acordo com as classificações feitas por Willian Labov (1962). A variação da expressão “logo ali” pode ser vista como integrante da categoria dos indicadores que é definida como a categoria dos elementos linguísticos que possuem pouca forma de avaliação, e pode haver diferentes formas de uso depender da idade, região, grupo social e etc. Esse entendimento surge ao analisarmos em qual contexto a variação ocorre, sendo mais comumente usada na região nordeste e por possuir também interferência de diferentes grupos sociais.

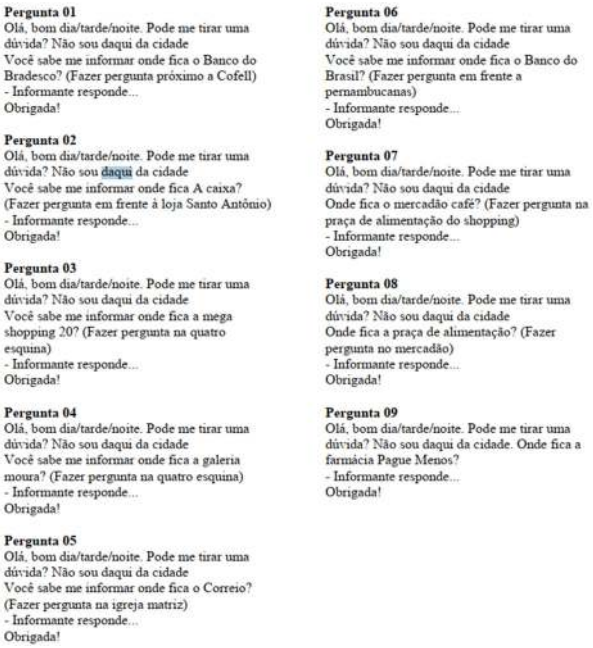
4.2 DISCUSSÕES DOS DADOS DA PESQUISA

A ideia de analisarmos a variante em questão surgiu durante uma das aulas de Sintaxe da Língua Portuguesa, ministrada pelo professor (orientador da pesquisa) no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Amargosa-BA, cidade situada no Vale do Jiquiriçá. O docente, natural do Paraná, relatou que, ao chegar à Bahia, mais especificamente em Itaparica, ao pedir informações a três jovens nativos daquela localidade, notou que eles usaram uma expressão desconhecida para ele, o que lhe causou certa estranheza. Ele pediu que os jovens repetissem a expressão três vezes seguidas até que compreendeu que estavam explicando que o local mencionado "era log'ali na frente". Segundo o professor, a estranheza surgiu porque, na região que residiu, não era comum o uso da expressão "logo ali" na forma da variante "log'ali".

Ficamos intrigados ao perceber que algo tão comum para nós era uma variação linguística. Por ser tão corriqueiro, nunca havia notado que, como falante nativa da região, também pronunciava a expressão dessa forma. Refletindo sobre isso, concluí que essa variante ocorria sempre que um verbo de ligação a antecedia. A partir dessa constatação, decidimos realizar uma pesquisa científica para verificar se essa hipótese era verdadeira.

Para obter dados que comprovassem ou não nossa hipótese, elaboramos um roteiro de perguntas (figura 1) que seguiam pontos da cidade próximos ao local onde o participante seria abordado, levando em consideração a ideia de que a expressão é utilizada para se referir a pontos próximos.

Figura 1- Roteiro para coleta semiestruturada



Pergunta 01
Olá, bom dia/tarde/noite. Pode me tirar uma dúvida? Não sou daqui da cidade
Você sabe me informar onde fica o Banco do Bradesco? (Fazer pergunta próximo a Cofell)
- Informante responde...
Obrigada!

Pergunta 02
Olá, bom dia/tarde/noite. Pode me tirar uma dúvida? Não sou daqui da cidade
Você sabe me informar onde fica A caixa? (Fazer pergunta em frente à loja Santo Antônio)
- Informante responde...
Obrigada!

Pergunta 03
Olá, bom dia/tarde/noite. Pode me tirar uma dúvida? Não sou daqui da cidade
Você sabe me informar onde fica a mega shopping 20? (Fazer pergunta na quatro esquina)
- Informante responde...
Obrigada!

Pergunta 04
Olá, bom dia/tarde/noite. Pode me tirar uma dúvida? Não sou daqui da cidade
Você sabe me informar onde fica a galeria moura? (Fazer pergunta na quatro esquina)
- Informante responde...
Obrigada!

Pergunta 05
Olá, bom dia/tarde/noite. Pode me tirar uma dúvida? Não sou daqui da cidade
Você sabe me informar onde fica o Correio? (Fazer pergunta na igreja matriz)
- Informante responde...
Obrigada!

Pergunta 06
Olá, bom dia/tarde/noite. Pode me tirar uma dúvida? Não sou daqui da cidade
Você sabe me informar onde fica o Banco do Brasil? (Fazer pergunta em frente a pernambucanas)
- Informante responde...
Obrigada!

Pergunta 07
Olá, bom dia/tarde/noite. Pode me tirar uma dúvida? Não sou daqui da cidade
Onde fica o mercadão café? (Fazer pergunta na praça de alimentação do shopping)
- Informante responde...
Obrigada!

Pergunta 08
Olá, bom dia/tarde/noite. Pode me tirar uma dúvida? Não sou daqui da cidade
Onde fica a praça de alimentação? (Fazer pergunta no mercadão)
- Informante responde...
Obrigada!

Pergunta 09
Olá, bom dia/tarde/noite. Pode me tirar uma dúvida? Não sou daqui da cidade. Onde fica a farmácia Pague Menos?
- Informante responde...
Obrigada!

Fonte: os autores

No total, formulamos nove perguntas a serem feitas em locais movimentados da cidade, referindo-se a pontos comerciais e instituições conhecidas. Inicialmente, abordamos oito participantes que usaram a expressão e cinco que não a utilizaram, mesmo quando estimulados.

Entrevistamos um total de 13 pessoas (quadro 1). Contudo, cinco entrevistados não usaram a expressão. Ao percebermos que alguns não estavam utilizando "logo ali" ou "log'ali", alteramos nosso procedimento de coleta de dados, visto que nosso objetivo não era avaliar quantos usariam a expressão, mas sim se a usariam na forma variante.

Quadro 1 – Dados da primeira abordagem

ENTREVISTADOS	PERGUNTA	RESPOSTA
Informante 01	Pergunta 01	"Só você seguir direto, tá vendo aquela placa lá na frente? É ali, uma loja grande, daqui já dá pra ver."
Informante 02	Pergunta 02	"É fácil, tem erro não, ***é log'ali***, atravessa a rua e vai direto, quase em frente tem uma clínica de dentista."
Informante 03	Pergunta 03	"***É Log'ali*** na frente, o nome na fachada é grande, da pra enxergar logo"
Informante 04	Pergunta 04	"Segue reto e vira à direita, quase do lado do castelo."
Informante 05	Pergunta 05	"Entra aqui nessa rua mesmo, ***tá log'ali*** na frente, desce reto, na hora que tu ver, tu atravessa a rua."
Informante 06	Pergunta 02	"Sei, ***tá log'ali*** na frente, você tá na direção certa. Só ir direto que não tem erro."
Informante 07	Pergunta 06	"Do outro lado da praça, só cortar aqui pela praça mesmo."
Informante 08	Pergunta 04	"***É log'ali*** na frente, desse lado aqui da rua mesmo, pode ir direto e atravessar a rua."
Informante 09	Pergunta 03	"Sei sim, minha amiga. Só você seguir aqui, ***fica log'ali*** na frente, pertinho mesmo. Tem duas de vinte, a que você tá

		procurando é do outro lado da rua."
Informante 10	Pergunta 07	"A próxima entrada você vira à direita, vai ver logo o shopping. É dentro do shopping mesmo."
Informante 11	Pergunta 08	"Olá, é nesse andar mesmo, segue aqui que você vai ver a Brasil Cacau, fica do lado."
Informante 12	Pergunta 09	"Saindo aqui pelo shopping mesmo, se você entrar nessa rua da frente você vai ver que tem uma, ***é log'ali*** na frente"
Informante 13	Pergunta 03	"Desce direto aqui, ***é log'ali*** na frente."

Fonte: os autores

Inferimos que a não utilização da expressão pode ter ocorrido por diversos fatores, inclusive pela formalidade natural que ocorre ao nos dirigirmos a um diálogo com um desconhecido. Algumas pessoas tendem a crer que seguir uma certa formalidade implica utilizar as normas gramaticais e ortográficas da língua de maneira mais rígida, associando isso a um status de maior educação e prestígio, enquanto a informalidade pode ser vista como um uso incorreto da língua. Além disso, a formalidade pode ter ocorrido devido à falta de intimidade com o entrevistador, já que não foram diálogos que permitiram uma conexão, mas apenas um desconhecido pedindo informações.

> Mas também é possível atrelar o grau de formalidade/informalidade a outros fatores, como nível de intimidade com o entrevistador (quanto mais próximo socialmente do entrevistador, mais informal a entrevista se torna), o momento da entrevista em que aquela pergunta foi feita (quanto mais no início da entrevista, maior é a tendência à formalidade) e propriedade sobre o assunto discutido (quanto mais conhecimento sobre o assunto, mais propriedade o falante tem de discorrer sobre ele e, consequentemente, menos formal se torna a fala). (Souza, 2020, p.23)

Segundo o autor, a formalidade em diálogos não é algo fixo e pode ser influenciada por fatores como o nível de intimidade com o entrevistador, o tempo da entrevista e o grau de familiaridade com o assunto. Refletindo sobre esses fatores e com o objetivo de garantir uma quantidade significativa de ocorrências do fenômeno em questão, decidimos revisar a metodologia.

Nas entrevistas subsequentes (quadro 2), quando os falantes não utilizavam a expressão, explicávamos que se tratava de uma pesquisa linguística (sem mencionar o fenômeno em análise) e pedíamos que descrevessem a localização do lugar utilizando a expressão "logo ali". A partir daí, observávamos se utilizavam a expressão na forma da variante ou não, considerando apenas o uso da expressão e descartando as respostas em que não a utilizavam.

Quadro 2 – Dados da segunda abordagem

ENTREVISTADOS	PERGUNTA	RESPOSTA
Informante 14	Pergunta 05	"Oi, boa tarde. Sei sim, é fácil! Entra nessa rua aqui que ***fica log'ali*** na frente."
Informante 15	Pergunta 06	"Posso ajudar sim, chega aqui mais pro lado, ta vendo lá? ***Tá log'ali*** na frente.
Informante 16	Pergunta 01	"Boa tarde! ***Tá log'ali*** na frente, só seguir andando direto aí mesmo."

Informante 17	Pergunta 02	"Claro que posso, ***fica logo ali na frente***, sabe onde é a princesa? Lá na esquina indo direto aqui? Um pouco mais pra frente"
Informante 18	Pergunta 06	"Opa, boa tarde! ***É log'ali***, seguindo direto aqui, quando você chegar lá na esquina vai ver, tem erro não!"
Informante 19	Pergunta 05	"Entra ali naquela rua da esquerda, ***é log'ali*** na frente."
Informante 20	Pergunta 09	"Ta vendo o estacionamento? ***É log'ali*** depois dele, um pouco mais pra baixo."

Fonte: os autores

Com esse novo procedimento, percebemos que, dos 20 respondentes, 14 utilizaram a expressão "log'ali" na forma variante. Desse total, 8 participantes usaram a expressão precedida pelo verbo de ligação "ser (é)", enquanto 4 a usaram precedida pelo verbo de ligação "estar (tá)". Além disso, observamos a ocorrência de 2 entrevistados que utilizaram a expressão após o verbo "ficar", que também assume a posição de verbo de ligação. Portanto, continuamos a inferir que a variante está influenciada pelos verbos de ligação que a antecedem.

Dos 14 entrevistados, 8 usaram a variante sem saber que estavam participando de uma pesquisa, enquanto 6 fizeram parte do grupo em que solicitamos o uso da expressão "logo ali". Um participante não fez uso da variante, mesmo após solicitarmos que explicasse uma determinada localização utilizando a referida expressão, e 5 participantes não usaram "logo ali", mesmo que estimulados. Isso nos levou a rever a metodologia, conforme mencionamos anteriormente.

Por fim, ao analisarmos os dados, concluímos que, de fato, ocorre a sinalefa: a vogal final do primeiro termo é suprimida, dando espaço à vogal inicial do segundo termo, resultando na pronúncia "log'ali". Consideramos, então, que se trata de uma variação regional que ocorre no estado da Bahia, uma vez que há relatos de falantes que, ao chegarem à Bahia, não compreenderam a expressão na forma variante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo investigou a variação da expressão "logo ali" em Santo Antônio de Jesus-Ba, buscando compreender como as variações regionais ocorrem e são adotadas por falantes de uma região. Os dados coletados nos mostram que a variação "log'ali" é utilizada por uma quantidade significativa dos falantes entrevistados, entretanto, sua ocorrência não é universal, ainda que dentro de uma comunidade específica. Um outro aspecto possível de inferir-se é que essa variação está associada ao uso de verbos de ligação como "ser", "estar" e possivelmente ao verbo "ficar", este também atuando na posição de verbo de ligação.

Ao analisar os dados obtidos ficou evidente que a forma "log'ali" surge como resultado de uma sinalefa, onde a vogal final do primeiro termo é anulada, dando espaço à vogal inicial do segundo termo e assim forma uma única sílaba.

É importante ressaltar que as variações linguísticas não devem ser vistas a partir de um viés de correto ou não, e sim enquanto fenômenos naturais e estruturados que refletem a identidade tanto cultural quanto social dos falantes. O preconceito linguístico que cerca essa e outras variantes da nossa língua precisa ser combatido e ceder espaço a valorização da diversidade linguística que comtempla nosso país, uma vez que, variações como "log'ali" são integrantes do sistema linguístico e não uma forma inferior de expressão.

De modo geral, este artigo fortalece não apenas o entendimento em um viés da variação linguística na cidade de Santo Antônio de Jesus, mas para a valorização da diversidade linguística enquanto elemento integrante da nossa e de outras culturas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** O que é, como se faz. 50. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 205 p.

BAGNO, Marcos. Variação linguística. **Glossário-Ceale**, Universidade de Brasília-UnB, p. 1-1, 20 ago. 2023.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al*. **Para conhecer sociolinguística**. 1°. ed. [*S. l.*]: Editora Contexto, 2015. 176 p. ISBN 857244890X.

GARCIA, Dolores Carvalho; NASCIMENTO, Manoel. Gramática Histórica. 13. ed. [*S. l.*]: Ática, 1981.

SOUZA, Rossana da Conceicao Honorato de. **A monotongação do ditongo [ej] na fala do pessoense**. Orientador: Profa. Dra. Juliene Pedrosa. 2020. 32 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - UFPB, João Pessoa-PB, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/. Acesso em: 20 ago. 2024.

SANTOS, Cleo. **O Ensino da Língua Portuguesa:** Considerações sobre o preconceito linguístico. 1. ed. [*S. l.*]: Biblia mundi, 2022. 22 p. ISBN 9781526008282.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 1971.